

VAGABUNDAGEM SONHADORA E IMAGEM DE SI¹*Dreamy wandering and self-image*Maria Constança Peres Pissarra²

Resumo: O objetivo deste texto é analisar nas *Rêveries d'un promeneur solitaire*, mais precisamente no primeiro e no oitavo devaneio, a decisão de Jean-Jacques Rousseau pelo rompimento com a humanidade.

Palavras-chave: Devaneio, escrita de si, solidão.

Abstract: The purpose of this text is to analyze in *Rêveries d'un promeneur solitaire*, more precisely in the first and eighth reverie, Jean-Jacques Rousseau's decision to break with humanity.

Key-words: Rêverie, writing of the self, solitude.

* * *

No Prefácio escrito por Jean-Jacques Rousseau para a versão das *Confessions*, conhecida como Manuscrito de Neuchâtel³, o autor busca uma escrita o mais próxima possível das lembranças das impressões recebidas: “vou trabalhar no quarto obscuro”⁴ (ROUSSEAU, 1964, p. 154), ou seja, era necessário explorar as profundezas do eu.

Todavia, a tarefa proposta não se encerrou junto com essa obra⁵; novos confrontos⁶ demandaram novas respostas, como evidenciam os *Dialogues – Rousseau juge de Jean-Jacques*⁷. E mal concluído esse seu novo livro, viu-se provocado a redigir

¹ A primeira versão deste texto foi apresentada no I Colóquio *Sonhos e imagem*. PUCSP, 22-24/10/2019.

² Professora do Departamento de Filosofia da PUCSP.

³ Primeiro manuscrito das *Confessions* e entregue ao amigo Pierre-Alexandre Du Peyrou em 1767 e posteriormente excluído quando da edição definitiva. Desde 1795, está arquivado na Biblioteca de Neuchâtel.

⁴ “Je vais travailler pour ainsi dire dans la chambre obscure” (minha tradução). Também com Marcel Proust em *À la recherche du temps perdu*, a personagem Albertine retomará essa imagem do “quarto obscuro” para se referir ao seu sofrimento: “De ma chambre obscure, avec un pouvoir d'évocation égal à celui d'autrefois mais qui ne me donnait plus que de la souffrance, je sentais que dehors, dans la pesanteur de l'air, le soleil déclinant mettait sur la verticalité des maisons, des églises, un fauve badigeon”. *Albertine disparue*. Bibliothèque numérique romande ebooks-bnr.com, 1925, p. 76).

⁵ Por volta de 1769.

⁶ Em 1771, Mme d'Épinay solicitou a ajuda da autoridade policial para a interrupção da leitura das *Confessions*.

⁷ 1772 a 1776.

em 1776 a *Histoire du précédent écrit*, ao mesmo tempo que iniciava as *Rêveries d'un promeneur solitaire*, redação abruptamente interrompida quando da sua morte em 1778.

Esse conjunto de textos evidencia bem mais do que uma fase lamuriosa e triste da vida de um autor que se acreditava vítima de um complô e perto da morte. De certa forma, Rousseau “brinca” com a escrita para encontrar a melhor forma de falar sobre o “eu”, para melhor expressar uma escritura de si, que requer uma *escuta* de si. Mesmo no último dos volumes dessa “trilogia”, redigido nos dois anos finais de sua vida, por mais que relate os acontecimentos passados quando dos ataques sofridos e do sofrimento daí resultante, não se trata do lamento de um homem envelhecido e delirante.

Nas *Rêveries*, ao relatar seus devaneios ao longo de suas caminhadas, Rousseau inventa uma forma literária, o devaneio poético em prosa, para descrever sua situação peculiar: relata seus pensamentos mais íntimos sobre o seu linchamento moral provocado pelos seus contemporâneos e inimigos, *les philosophes*. Recorre à palavra devaneio como uma reflexão sobre a introspecção e sobre os limites da reconstituição do passado.

Mas, algumas indicações sobre a noção de devaneio – do francês *rêve* – são necessárias, antes de prosseguir:

1. *Rêver* vem do latim *reexvagare* e primeiro significou vagabundar, errar ao acaso, como cita M. Raymond⁸ ao citar um texto de 1300 quando a errância estava associada a libertinagem – os libertinos erravam sem rumo fora dos muros da cidade. Outro texto, o *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle*, de Frédéric Godefroy, 1880-1895, mas conhecido como *Dictionnaire de Godefroy* se refere a um *rêve-vagabondage*, significando intenções subversivas, o afastar-se dos retos caminhos, algo simultaneamente de libertino e de orgia.

2. Já os dicionários do século XVII e XVIII, referiam-se à vagabundagem interior, ao sonhar acordado com imagens extravagantes. Segundo Antoine Furetière destaca no seu *Dictionnaire Universel* de 1690, o termo tem um sentido pejorativo, “ter sonhos extravagantes

⁸ Marcel Raymond. *La quête de soi et la rêverie*. Paris: Corti, 1962.

principalmente quando se está doente” (delírios). Também o *Dictionnaire de l'Académie*, de 1694, refere-se ao “delírio causado por uma doença”, mas aponta um outro significado: a vagabundagem de espírito, como livre jogo da imaginação, sem objeto fixo, próprio dos amantes em lugares solitários. Ainda no século XVII a palavra *rêver* adquiriu o sentido de pensar, meditar profundamente, uma atividade ordenada do espírito, uma meditação, como o sentido atribuído por René. Descartes às suas meditações algumas vezes referidas como *rêveries*, mas não como um divertimento e sim meditar.

3. No entanto, foi com Jean-Jacques Rousseau que a palavra adquiriu um novo sentido na modernidade, embora tenha guardado seu significado original. O termo já tinha sido referido por ele em textos anteriores às *Rêveries d'un promeneur solitaire*: em algumas cartas endereçadas Voltaire (1755), a Dom Deschamps (1761), no Prefácio do *Emile*, no primeiro preâmbulo das *Confessions*, na terceira Lettre à Malherbes (1762), em outra carta dirigida a Mirabeau (1767) e também nos *Dialogues*.

Mas, foi nas *Confessions que ele relatou seu interesse pelos devaneios, referindo-se a eles como devaneio romanesco (livro I), como sinônimo de vagabundagem e imaginação criadora (livro IV), como uma relação entre devaneio e criação ao se referir no livro IX à concepção da Nouvelle Héloïse.*

O objetivo deste artigo é analisar nas *Rêveries d'un promeneur solitaire*, mais precisamente no primeiro e no oitavo devaneio, a decisão de Rousseau pelo rompimento com a humanidade. Nesse texto, o narrador Rousseau e o personagem Jean-Jacques relatam uma sequência desordenada de impressões fugazes, de sentimentos evanescentes de um solitário cujo espírito e o corpo vagabundeiam na busca da identidade de si.

* * *

O parágrafo inicial da **Primeira Caminhada** – texto que serve de Introdução aos *Devaneios* – descreve como o autor vê a si mesmo, qual a imagem que tem de si ao

expressar seu estado de alma : “Eis-me, portanto, sozinho na terra, não tendo mais irmão, próximo, amigo, companhia, a não ser eu mesmo” (ROUSSEAU, 1964, p. 995).

Dessa forma, afirma a condição desconsolada dessa solidão, talvez um mau sonho ocorrido a lhe evidenciar seu estado irremediável de abandono, a de um solitário proscrito da sociedade, pois “o mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unanime. Procuraram nos refinamentos de seu ódio que tormento poderia ser mais cruel para a minha alma sensível e quebraram violentamente todos os elos que me ligavam a eles” (ROUSSEAU, 1964, p. 995). Apenas a maldade humana foi responsável pela perseguição da qual foi alvo e do maniqueísmo dessa ação, assim evidenciando a crueldade daquela em oposição a sensibilidade da vítima de tal traição. Dessa forma, esses “estranhos, desconhecidos”, tornaram-se para ele “inexistentes (...), visto que [assim] o quiseram” (ROUSSEAU, 1964, p. 995). Nos *Dialogues*, Rousseau já se referira a condição de Jean-Jacques como alguém vulnerável e desesperadamente sozinho “...sem amigo, nem apoio, nem conselho, (...) só a ele tendo por recurso. Não devia esperar nem ajuda nem assistência” (ROUSSEAU, 1964, p. 943) frente a hostilidade universal. Depois de procurar em vão uma figura familiar, tem a certeza de seu irremediável abandono: diante da malignidade dos homens, não mais restam dúvidas sobre a perseguição e o complô.

Uma pergunta parece nortear esse primeiro parágrafo: ainda seria possível ser homem nesse mundo sem homens? “Mas eu, afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me resta procurar”. (ROUSSEAU, 1964, p. 995). A resposta é imediata: “poderia eu, em meu bom senso, supor que um dia, eu o mesmo homem que fora, o mesmo que ainda sou, (...) seria tido sem a menor dúvida por um monstro ...?” (ROUSSEAU, 1964, p. 995). Para responder a essa pergunta, deve examinar sua posição – como em um jogo, cada jogador tem a sua posição.

Primeiro movimento a explicitar essa posição: inicialmente foi tomado por uma apatia imobilizadora ao se debater “por muito tempo tão violenta quanto inutilmente”, pois “sem destreza, sem aptidão, sem dissimulação, sem prudência, franco, aberto, impaciente, arrebatado” (ROUSSEAU, 1964, p. 996). apenas se deixava mais e mais enlaçar. Consequentemente, a compreensão da inutilidade do confronto, provocou um segundo movimento: “sentindo enfim todos meus esforços inúteis e me atormentando para nada, tomei o único partido que me restava tomar, aquele de me submeter à minha sorte...” (ROUSSEAU, 1964, p. 996).

No entanto, diante da certeza de seu abandono, há uma mudança radical e o tom que parecia enveredar pela lamentação e pelo infortúnio, transforma-se ao metamorfosear o autor: ao expulsarem Rousseau, também expulsaram a eles mesmos da sua existência e o tornaram senhor do seu destino. A natureza da solidão muda do isolamento da inferioridade para a escolha libertadora da indiferença. Solidão e liberdade, tornam-se sinônimas, “eis o bem que me fizeram meus perseguidores, esgotando sem precaução todas as armas de sua animosidade. Retiraram a si mesmos qualquer poder sobre mim e posso, de agora em diante, ignorá-los” (ROUSSEAU, 1964, p. 997). A presença autônoma do Eu exige a transformação da solidão. Abandona aqueles que acusa de complô, com a certeza de que não conseguirá o apoio do público leitor. Ao cortar toda comunicação com os homens, pode se entregar à solidão fecunda do culto do Eu.

Ao afirmar: “tudo que a mim é exterior, de agora em diante me é estranho”, nada mais lhe restava a não ser contar o único prazer que lhe foi permitido: a relação consigo mesmo. Entre homens, mas sem amigos, estava sozinho pelo resto da vida, “visto que somente em mim encontro a consolação, a esperança e a paz, não devo e nem quero mais ocupar-me senão comigo mesmo” (ROUSSEAU, 1964, p. 999). Assumia, dessa forma, um exílio voluntário ao tornar-se mestre de seu destino: estava só, mas eles – os homens – ao prescreverem Rousseau da sociedade, condenaram-se eles mesmos, à inexistência no universo moral daquele que se tornara solitário, mas que soubera conquistar a indiferença e a liberdade.

É sob o efeito desse estado de espírito que o próprio autor afirma retomar nos *Devaneios* o “exame severo e sincero” iniciado nas suas *Confissões*, mas, não com o mesmo objetivo de purificação moral, mas como o derradeiro exame de consciência daquele que pensa se aproximar da morte: “Consagro meus últimos dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar com antecedência as contas que não tardarei a dar de mim mesmo” (ROUSSEAU, 1964, p. 999). O que ainda teria ele a confessar? A resposta aponta a finalidade moral da retomada desse propósito: “se à força de refletir sobre minhas disposições interiores, consigo pô-las em melhor ordem e corrigir o mal que nelas pode ter ficado, minhas meditações não serão inteiramente inúteis e embora não sirva para mais nada na terra, não terei perdido completamente meus últimos dias” (ROUSSEAU, 1964, p. 999).

Como uma catarse, tal interiorização existencial aponta os dois eixos condutores presentes no seu texto: o conhecimento de si e a fruição (sentimento) de si. O

primeiro, requer método – que naquele momento afirma não ter – e rigor e nesse sentido os *Devaneios* continuam o projeto autobiográfico da *Confissões*; já o segundo, representa para o *promeneur solitaire* – o caminhante solitário – um papel vital de compensação e o abandono da espontaneidade. A solidão é a um só tempo conquista da indiferença e da liberdade. A fruição do Eu se faz acompanhar de uma forma original de comunicação: “apenas escrevo meus devaneios para mim” (ROUSSEAU, 1964, p. 1001).

Estabelece, assim, uma escritura “fechada”, destinada ao próprio sujeito. Não mais lhe interessa como os leitores possam ler seus textos, apenas lhe interessa um leitor do futuro⁹. Não mais lhe interessa a recepção de suas obras, nem as críticas que lhe farão. O Cidadão de Genebra deu definitivamente a costas à Cidade: “que espiem o que faço, que se inquietem com estas folhas, que as roubem, que as suprimam, que as falsifiquem, tudo isso agora me é indiferente” (ROUSSEAU, 1964, p. 1001). Para ultrapassar os mal entendidos, *esconde-se*. Para se fazer ouvir, *escreve*. Essa escrita solitária é a “outra consistência dada à obra, transformada em única garantia de uma presença que se vê condenada ao nada” (PRADO JR, 2008, p. 99), possibilidade igualmente única de uma ponte a ligar o pensador solitário a seus futuros leitores.

Ainda mais do que o leitor do futuro, aquilo que de fato interessa a Rousseau são suas reflexões meticulosamente resgatadas do passado para as reunir no presente, não para aqueles que lhe são estranhos, mas apenas para si, para nesse movimento unitário alcançar o repouso pleno. Só assim, o autor – leitor privilegiado – pode voltar-se para o sentido de sua existência, a expressar o ato da vontade livre da posse de si.

As reflexões da Primeira Caminhada se completam com os relatos da **Quinta Caminhada**, importantes de serem destacados antes de passarmos à análise da Oitava Caminhada. Ali, afirma a importância da felicidade de suas lembranças pessoais para sua Filosofia, ao relatar o significado de sua breve estada na Ilha de Saint-Pierre, nos dois meses seguintes a sua expulsão de Môtiers:

Não me deixaram passar mais do que dois meses nessa Ilha, mas aí teria passado dois anos, dois séculos e toda eternidade sem me entediar um momento (...). considero esses dois meses como o tempo mais feliz da minha vida e de tal maneira feliz, que ele me teria sido suficiente durante toda minha existência sem deixar nascer em um só instante em minha alma o desejo de um outro estado (ROUSSEAU, 1964, p. 1042)

⁹ O próprio Rousseau informa que há certa semelhança com Montaigne quanto ao projeto, embora haja uma diferença: Montaigne escreve para seus leitores, ele não.

De um lado Rousseau já anuncia os Românticos como Chateaubriand, Lamartine e Vitor Hugo, ao fim do êxtase o indivíduo e o mundo exterior se confundem, a região da Ilha “é interessante para contemplativos solitários que amam se inebriar à vontade com os encantos da natureza e a se recolher em um silêncio” imperturbável (ROUSSEAU, 1964, p. 1040). De outro, na origem, a felicidade positiva se confunde com o sentimento da existência em um devaneio passivo, sem objeto e interior posto que o movimento vem de dentro, mas também em um devaneio provocado a partir do espetáculo da natureza – simultaneamente contemplação, êxtase, meditação. A proximidade e a união com a natureza é o campo fértil da subjetividade, a plenitude do ser, mas também um projeto, como registrara no primeiro parágrafo da Segunda Caminhada:

Tendo então formado o projeto de descrever o estado habitual de minha alma na mais estranha posição em que se possa jamais encontrar um mortal, não vi nenhuma maneira mais simples e mais certa de executar essa empreitada a não ser de ter um regime fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchiam quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas ideias seguem segue sua inclinação sem resistência e sem incômodos (ROUSSEAU, 1964, p. 1002).

Esse equilíbrio entre o homem e a natureza reaparecem nas primeiras linhas da própria Quinta Caminhada ao descrever e recordar a ilha e as impressões que ela lhe causara:

Esse belo e pequeno lago, de formato quase redondo, encerra em seu centro duas pequenas ilhas, uma habitada e cultivada, de mais ou menos meia légua de circunferência, outra menor, deserta e inculta e que será destruída um dia pelos transportes de terra retirada constantemente para reparar os estragos que as vagas e as tempestades com intensidade provocam. É assim que a substância do fraco é sempre usada em proveito do poderoso” (ROUSSEAU, 1964, p. 1040).

Esse trecho não deixa dúvidas sobre a busca deliberada e reiterada da felicidade de existir a partir do devaneio provocado pela imagem nostálgica de um momento intensamente vivido no passado. Retomo aqui, seu parágrafo final. A referência à ilha em um devaneio abstrato e imenso, revela um isolamento feliz ao afirmar que se lá estivesse em um devaneio real,

o que faria de mais doce seria devanear à vontade. Sonhando que estou lá, não faço a mesma coisa? Faço mesmo mais: ao atrativo de um devaneio abstrato e monótono acrescento imagens encantadoras que o

vivificam. Seus objetos escapam frequentemente aos meus sentidos nos meus êxtases e agora meu devaneio é profundo, quanto mais os pinta vivamente. Estou mais frequentemente entre eles e ainda mais agradavelmente, do que quando ali estava realmente (ROUSSEAU, 1964, p. 1049).

Mas, o sonhador desperto ainda não completou a passagem da renúncia dolorosa à serenidade. É preciso ler a **Oitava Caminhada** para acompanhar Rousseau. Ali, no primeiro parágrafo, ele afirma:

Meditando sobre as disposições de minha alma em todas as situações da minha vida, sinto-me extremamente impressionado ao ver tão pouca proporção entre as diversas combinações de meu destino e os sentimentos habituais de bem ou mal estar com que elas me afetaram (ROUSSEAU, 1964, p. 1074).

Apresenta as atitudes dos seus inimigos como um conjunto de comportamentos sem fundamentos, um complô iníquo e difamante. Ele, Jean-Jacques, até então um homem respeitado, repentinamente é comparado a um monstro por um complô universal, irracionalmente orquestrado, aquém da possibilidade de qualquer entendimento. Sem conseguir discernir as intenções escusas de seus inimigos de perturbar o coração do homem sábio, acredita que aqueles não passam de meros seres mecânicos, sem intenção nem causa moral e, portanto, deve deles se distanciar:

Minha razão nada me mostrando a não ser absurdos em todas as explicações que eu procurava dar em relação a tudo que me acontecia, compreendi que as causas, os instrumentos, os meios de tudo isso em me sendo desconhecidos e inexplicáveis deviam ser nulos para mim (ROUSSEAU, 1964, p. 1079).

Mas a compreensão racional não anula o sofrimento causado pela difamação: ainda era preciso anular a sua causa, o amor-próprio, paixão social e a raiz do mal.

Essa descoberta nele mesmo, conduz Rousseau a uma nova reforma moral que definitivamente o poderá liberar da escravidão da opinião e o religar à natureza, ao amor de si, paixão natural. É preciso deixar a sociedade dos maus para reencontrar a paz apesar de suas infelicidades: escrever apenas para si mesmo para percorrer o caminho da busca de si à conquista do eu.

A sinceridade é a possibilidade de união consigo mesmo e com os outros, remédio para a unidade perdida entre o homem natural e o homem social, ao mesmo tempo um

ideal moral porque é um fim a alcançar. Só assim é possível o reencontro da felicidade – ser o único responsável por ela, apesar dos outros. A Oitava Caminhada reencontra, assim, o mesmo tom da Primeira.

Nas palavras de Jean Starobinski, “o puro devaneio é interno e mudo (...). Exteriorizar-se, para a consciência devaneadora, já é sair do devaneio” (STAROBINSKI, 1971, p. 416). Entretanto, Rousseau escreve seus devaneios. “A palavra não será o devaneio original, mas seu eco diferenciado. Ela será seu duplo: o devaneio de um devaneio” (Idem, p. 417). Mas, também a leitura aí é cúmplice: “ler os devaneios, é, portanto, se engajar na corrente quase contínua de um devaneio *seconde*” (IDEM, p. 419).

BIBLIOGRAFIA

BACZKO, B. **Solitude et communauté**. Paris: École Pratique des Hautes Études et Mouton & Co, 1974.

DESTAIN, C. **Jean-Jacques Rousseau : l’au-delà du politique – de la solitude des origines humaines à la solitude autobiographique**. Éditions OUSIA: Paris, 2005.

GOLDSCHMIDT, V. **Anthropologie et politique – Les principes du système de Rousseau**. Vrin: Paris, 1974.

GROSRICHARD, A. Une vengeance à la Jean-Jacques. **Europe – revue littéraire mensuelle : Jean-Jacques Rousseau**: Paris, 2006.

_____. Gravité de Rousseau. **Cahiers pour l’analyse**, n° 8, p. 43.

PRADO Jr., B. **A Retórica de Rousseau**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAYMOND, M. **Jean-Jacques Rousseau – la quête de soi et la rêverie**. Paris : Librairie José Corti, 1962.

ROUSSEAU, J-J. **Oeuvres complètes**. Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard: Paris: 1959/1995, 5 vol.

_____. **Confessions, vol. I**. Gallimard: Paris: 1964.

_____. **Rêveries d’un promeneur solitaire, vol. I**. Gallimard: Paris: 1964.

_____. **Dialogues. Rousseau juge de Jean-Jacques, vol. I**. Gallimard: Paris: 1964.

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau – la transparence et l’obstacle**. Paris: Gallimard, 1971.